

Roberta Filgueiras Mathias

# Olhares para Madureira

**F**ruto da pesquisa do Museu Afrodigital<sup>1</sup> iniciada em 2013, *Memórias, territórios e identidades: diálogos entre gerações na Região da Grande Madureira* (2019) encerra uma trilogia originada pelo Seminário “Nos quintais da Grande Madureira”, ocorrido em dezembro de 2014 na UERJ e pelo livro *Nos quintais do Samba da Grande Madureira* (2016). Esta trilogia deixa clara a sua proposta desde os títulos: trazer olhares múltiplos sobre o bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Embora por vias e formatos distintos, os três alcançaram este objetivo.

Ainda que esta resenha se concentre no livro organizado em 2019, é interessante recordar o livro que o precedeu e

o seminário que deu origem ao último.

O livro de 2016 dialoga com imagens de arquivo, mas traz também as imagens do Edu Monteiro, Doutor em Artes pela UERJ. Início por estas porque, de alguma maneira, nos transportam para uma Madureira que parece ser também a apresentada pelos textos, a Madureira inesgotável. Transitando pelos temas da religiosidade, gastronomia, dança, música e símbolos, o fotógrafo ressalta características do subúrbio carioca sem resvalar na superficialidade. Este cuidado podemos também perceber nos artigos apresentados. Logo em seu prefácio intitulado “O samba é meu dom”, tal como a canção, Myriam Sepúlveda dos Santos, organizadora da coletânea, nos envolve com uma das referências mais fortes que Madureira produz, os quintais de samba. São eles que ditam o ritmo dos artigos.

Já o “III Seminário Afro-Carioca: nos quintais da Grande Madureira” possui uma relação mais direta com o livro que ora resenho, pois, a partir das apresentações de trabalhos e dos diálogos estabelecidos, é que foi elaborado. Ambos foram organizados por Ana Paula Alves Ribeiro, Gabriel da Silva Vidal Cid e Guilherme Ferreira Vargas, e o livro é uma mescla entre trabalhos apresentados e textos inéditos.

Dividido em quatro partes – “História e memória da Grande Madurei-

## Roberta Filgueiras Mathias

*é cientista social graduada pela PUC-Rio, fotógrafa com experiência em Antropologia Urbana e Antropologia Visual. Especializada em Cultura e Filosofia pela PUC-Rio. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidad Nacional de San Martín, atualmente é pesquisadora na área de Antropologia Urbana estudando periferias latino-americanas. Professora convidada do IUPERJ/UCAM na pós-graduação em Fotografia e Imagem na qual leciona disciplinas que relacionam Antropologia e Visualidades.*

[mathias.beta@gmail.com](mailto:mathias.beta@gmail.com)

<sup>1</sup> Aprovado em 2010 como projeto de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o Museu Afrodigital está associado a projetos das Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estas iniciativas buscam organizar um material amplo, porém cuidadoso, sobre a cultura afrodiáspórica no Brasil. Na UERJ, é coordenado por Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro (FEBF/ UERJ), Gabriel da Silva Vidal Cid (IESP/ UERJ), Maria Alice Rezende Gonçalves (EDU/ UERJ), Mauricio Barros de Castro (ART/ UERJ) e Myriam Sepúlveda dos Santos (ICS/ UERJ). Com o apoio de um conselho editorial de pesquisadores de diversas universidades, a partir de 2019 passou a fazer parte da estrutura do Decult (Departamento Cultural da UERJ).

ra”, “Diversidade e usos do território”, “Memória e resistência nas práticas do samba” e “Sons e imagens do subúrbio e da cultura popular” –, é também a partir da música que somos convidados a caminhar pelos espaços de Madureira. O artigo de apresentação, escrito pelos organizadores, remete à já icônica música de Arlindo Cruz, “Meu lugar”. Vendo a encruzilhada como uma das possibilidades de se pensar o bairro, os pesquisadores não somente apontam para a religiosidade afrodiáspórica tão presente, mas também apostam nos encontros e nas diversidades que o campo promove. Como um “complexo de difícil demarcação”,<sup>2</sup> entendem que não somente desdobrando narrativas que remontam à memória, mas também mobilizando novas formas de compreender o bairro, é possível se aproximar das formas de resistências que o mesmo produz. Madureira é encruzilhada. Segue assim também o Prefácio de Rachel Valença, exaltando a cultura múltipla produzida no bairro.

Na primeira parte, os textos dão conta da criação do bairro, ora pensando o próprio território, ora pensando em figuras emblemáticas que se misturam à própria história de Madureira, como Zaquia Jorge e Maria Sapeca. Ao entender que podemos contar a história de um bairro a partir de diversos olhares, o livro nos oferta textos que, apesar de não serem diretamente complementares, conseguem traçar histórias de Madureira que despertam o interesse e aguçam o leitor a pensar sobre o próprio conceito de memória. O texto de Antonio Edmilson Martins Rodrigues, “O lugar da memória Madureira: características originais da formação do bairro; a centralidade de Madureira no cenário urbano dos subúrbios e na cultura carioca; Madureira, futebol, Che Guevara e Zaquia Jorge: a construção do imaginário de resistência”, no qual o historiador combina futebol, política e a figura da vedete Zaquia Jorge, é um exemplo desse olhar caleidoscópico lançado sobre o bairro.

Sem procurar abarcar todos os territórios da Grande Madureira (que compreende Bento Ribeiro, Campinho, Cascadura, Cavalcante, Engenheiro Leal, Honório Gurgel, Madureira, Marechal Hermes, Oswaldo Cruz, Quintino Bocaiúva, Rocha Miranda, Turiaçu e Vaz Lobo), a segunda parte é iniciada com um artigo sobre a Serrinha, “As três comunidades da Serrinha”, em realidade sobre as três Serrinhas que existem dentro da comunidade. Ao versar sobre um

território que se reparte para além da divisão geográfica, mas a partir das relações que os moradores estabelecem com os outros moradores e o território, Javier Lifschitz em “As três comunidades da Serrinha” nos convida a pensar sobre fronteiras e pertencimentos. O artigo seguinte, “A reconstrução de Madureira enquanto bairro, marca e mercadoria urbanística”, de João Felipe P. Brito, também nos revela uma outra faceta de Madureira – a Madureira turística ou “aturistada”, a partir das recentes obras para os eventos das Olimpíadas ocorridas em 2016. Nesse sentido, Brito indaga quais representações simbólicas são acessadas a partir das mudanças estruturais, mas também de discursos. O pesquisador aponta para uma necessidade de se pensar o bairro para os moradores. Se há valorização simbólica será que esta é efetivamente revertida em melhorias para a população do bairro como um todo? E, além disso, há que se pensar que os moradores também são múltiplos, como Rodrigo Reduzino ressalta em seu texto “Madureira: quintal da diversidade!”.

A terceira parte concentra-se em textos sobre o samba e escolas de samba.<sup>3</sup> Ao retomar a história de Candeia, partes da história da Portela, do movimento black soul<sup>4</sup> e ao ressaltar a importância das mulheres para as rodas de samba no texto que fecha essa seção, “A roda das donas: a mulher negra e as suas estratégias de sobrevivências” de Vanessa Soares da Silva, o livro evoca a importância de cultura africana, mas também nos conta um pouco sobre a criação da Escola Império do Futuro e evidencia como a história de Madureira vem carregada de ritmos e melodias. Madureira é música.

Na última parte do livro, temos uma série de artigos que evidenciam, além dos sons, as imagens que o bairro evoca. O texto inicial, de Ana Paula Alves Ribeiro, “Cruzamentos, trânsitos, narrativas e identidades em três filmes ou os caminhos que nos levam a Madureira”, traz a análise de três filmes: *Paulinho da Viola – Meu tempo é hoje* (2003), *Laiá, Laiá* (2011) e *Samba e Jazz* (2015). Ao traçar uma análise em conjunto dos três filmes, Ribeiro aponta novamente para as encruzilhadas e cruzamentos possíveis. A autora considera necessário lembrar que são narrativas masculinas e se propõe debruçar-se sobre esses trajetos e circulações que os filmes sugerem. O artigo de Filó Filho, “Som e imagem como resgate de uma memória e visibilidade de uma cultura”, mistura-se à sua

2 Ana Paula Alves Ribeiro, Gabriel da Silva Vidal Cid e Guilherme Ferreira Vargues. Pelos sete lados eu vou te cercar: os quintais da Grande Madureira como uma encruzilhada de pesquisa. In: *Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na Região da Grande Madureira* Ana Paula Alves Ribeiro, Gabriel da Silva Vidal Cid e Guilherme Ferreira Vargues (org.). 1. Ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019, p. 15.

3 Vale lembrar que o bairro é berço de duas importantes escolas de samba do Rio de Janeiro, Portela e Império Serrano.

4 Movimento cultural que teve seu auge na década de 1970 com bailes nas ruas dos subúrbios do Rio de Janeiro que contavam com nomes como o próprio Filé e Gerson King Combo.

história de atuação política e cultural no bairro. Filó considera essencial criar estratégias para que a circulação da arte negra e periférica possa ser ampliada.

Sob certa perspectiva é isso também que promove o livro, divulgação da história e da cultura do bairro. Assim, a leitura de *Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na Região da Grande Madureira* torna-se particularmente interessante para pesquisadores e leitores que tenham a região suburbana carioca como interesse, mas também para todos aqueles que procuram conhecer um pouco mais sobre o Rio de Janeiro para além de seus estereótipos. ■

**Referência da obra resenhada:**

Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na Região da Grande Madureira. Organização: Ana Paula Alves Ribeiro, Gabriel da Silva Vidal Cid e Guilherme Ferreira Vargues - 1ª Edição- Rio de Janeiro: Mórula, 2019.